

BANCO DO BRASIL, BRASÍLIA, DF, 28 DE MAIO DE 1998

Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram; Senhores Parlamentares; Senhoras e Senhores,

Depois de ter ouvido, com atenção e entusiasmo, uma série de depoimentos a respeito da importância da qualidade, quase sobra a minha palavra. Não fosse a referência final, que é a referência da necessidade da mobilização da sociedade.

Esse programa, como os senhores sabem, foi criado em 1990. Tem, portanto, pouco mais de 7 anos. E esse programa, na sua idéia inicial – embora, já abrangesse um conjunto de segmentos – enfatizava o setor industrial. E efetivamente, mais adiante, com o processo de transformação da economia mundial, com o processo da transformação da nossa economia, decisões estratégicas tomadas, passou-se a ver que a qualidade, realmente, era um instrumento essencial para que a nossa indústria pudesse seguir adiante, pudesse avançar.

Mas a sociedade se transformou tanto, houve tantas modificações na percepção, por parte dos brasileiros e das brasileiras, a respeito das nossas possibilidades como país. A própria estabilidade da moeda, a

volta da crença no valor da moeda. A crença em nós próprios. Aquilo que se descortina, hoje, como – e aqui se viu, por tantas vezes – alguma coisa que já não está mais no horizonte, mas que existe em forma de uma transformação em marcha, e que depende muito e muito de nós próprios, foi progressivamente ampliando essa idéia de qualidade.

Ouvimos, aqui, depoimentos bastante significativos. Depoimentos de usuários. Depoimentos de pessoas que se ocupam, basicamente, da defesa do consumidor. O próprio Código de Defesa do Consumidor – e participei das discussões deles, enquanto estava no Congresso Nacional – é um exemplo vivo dessa modificação, que é palpável, que se dá no dia-a-dia. Se a questão da qualidade no Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade – PBQP - no início era apenas um esforço de um conjunto de técnicos, de alguns empresários e de muitos idealistas, hoje passou a ser um requisito mais amplo da possibilidade de nós darmos o salto – que vamos dar – e de nós termos ao mesmo tempo cidadania. Ampliou-se, portanto, a questão da qualidade.

Os depoimentos sobre a importância da qualificação para que o consumo possa se realizar de uma maneira adequada são, absolutamente, significativos. E, progressivamente, essa idéia foi alcançando setores aos quais, inicialmente, eles não eram dirigidos.

Aqui, nós ouvimos o depoimento dos exportadores. As vendas do Brasil no exterior cresceram. No início, havia desânimo. Desânimo: nós não vamos ter condições de competir, o mundo está se globalizando, nós vamos ser sufocados. Depois, a reação. A reação em que nós já contamos com uma base necessária para enfrentar com confiança a competitividade. Os dados foram fornecidos aqui também. Os dados da indústria são impressionantes.

Há alguns anos, eu havia lido um trabalho, creio que é de um inglês, dizendo que apenas o Japão havia tido ganho de crescimento de produtividade e aumento de produto interno bruto maior do que o Brasil. E, assim mesmo, dependendo de que maneira fosse concebido. Depois, parece que perdemos a noção de que somos capazes, sim, de crescer e competir. Hoje nós estamos retomando essa noção. As metas propostas pela indústria, que chegam a 150%, algo assim, num período de 90 a

2005, são bastante impressionantes. Mas, não diferentes do que ocorreu no século passado. Há apenas um século, o Brasil não acreditava tanto em si, como deve acreditar agora. E, agora, o desafio é concreto. Vamos, sim, aumentar o consumo, mas o consumidor vai olhar com mais cuidado a qualidade do produto. Vamos, sim, aumentar a exportação, mas o consumidor, lá fora, vai olhar, também, com atenção, a qualidade do produto. E, quase sem que nós percebêssemos, nós, digo, o conjunto da sociedade, o Brasil foi-se preparando para esse salto.

Quando era ainda Ministro da Fazenda, comecei a me sensibilizar pela questão da ISO 9000 e quando se vê, comparativamente, a proporção de empresas brasileiras que alcançaram a certificação de qualidade, com empresas de outros países, é de dar orgulho. E a palavra orgulho, sobre o que se refere ao Brasil, deve ser recuperada. É de dar orgulho. Há um número crescente de empresas que aumentam a sua capacitação e têm certificado de qualidade de competição, de padrão de competição internacional, em uma proporção extraordinariamente forte. Isso permite assegurar a exportação também. E permite crer que vamos exportar e vamos consumir mais, ao mesmo tempo. Porque é velho o conceito de que ou exporta ou é o mercado interno. É velho. E muitas pessoas envelhecem sem perceber.

O tempo nos envelhece, a todos, mas o espírito, muitas vezes, envelhece prematuramente, quando não se percebem as mudanças do mundo e quando não se percebe que nós temos lugar nesse novo mundo e que nesse novo mundo, ao competir lá fora, ao melhorar a qualidade, nós estamos dando mais emprego no Brasil, estamos aumentando o consumo no Brasil e os brasileiros e as brasileiras vão exigir, também, mais qualidade. E vamos ter que aumentar, ao mesmo tempo, o mercado interno e o mercado externo, porque uma nação não cresce como nação se não for capaz, também, de ampliar seu mercado interno e de incorporar, crescentemente, segmentos da população. Não existe mais a antiga contradição entre países exportadores típicos e países que não tinham condições de exportar.

Hoje, todos os países que quiserem entrar no próximo século com a cabeça erguida terão de, ao mesmo tempo, exportar e consumir mais

internamente. E consumir internamente o que exportam. Porque essa é que é a grande diferença. Não é a qualidade para o produtor ir para fora beneficiar o consumidor lá de fora, é a qualidade para, ao mesmo tempo, baratear o produto e permitir que massas da população, aqui, participem desse melhor produto. E nós temos feito isso.

Nós temos sido capazes de mudar, de dar um salto muito importante nessa matéria. Isso que hoje, digamos, se incorpora até mesmo ao imaginário nacional, de que nós somos capazes de produzir melhor, de que nós, hoje, somos capazes de reincorporar aquilo que é pilar da nossa economia, como muito bem foi dito aqui pelo Dr. Meireles, que é a cadeia produtiva do “agrobusiness” – pilar da economia. Não é mais a oposição indústria versus agricultura. Vamos dar atenção à indústria, porque a indústria agrega valor e a agricultura não, pois usa mão-de-obra desqualificada. Isso é o passado. Hoje, não. Hoje, nós temos que ter uma visão integrada desses processos.

Há mais ainda: descobrimos, e descobrimos a tempo, aquilo que o Dr. Mindlin disse, que é preciso colocar ênfase muito grande não apenas no processo, no produto do consumo, mas na gestão. Se não houver gestão, não vai haver condição de competitividade, não vai haver condição de incorporação do avanço tecnológico, não haverá ganhos efetivos de renda para a população. Não haverá nada que seja significativo.

A qualidade hoje, talvez, onde ela seja mais sentida como uma necessidade urgente, é na gestão. E, portanto, no treinamento. No treinamento amplo senso, da mão-de-obra dos que já se pensam treinados, dos administradores, dos profissionais. A volta permanente a ciclos de aperfeiçoamento. Sem isso, nós não avançamos. Sem isso, não somos capazes, realmente, de complementar o conjunto das transformações que dizem respeito a este conceito de PBQP. Nós precisamos incorporar isso na visão do dia-a-dia de quem administra. E esse é passo novo que estamos dando agora.

Além do começo da indústria, além da expansão para o setor do “agrobusiness”, além da compreensão de que é preciso avançar na comercialização, além da compreensão de que a gestão é fundamental, a noção de que sem Estado, sem governo competente – governo que

também seja capaz de ter qualidade – nada disso vai acontecer. Outra doce ilusão dos que não têm imaginação de que ou é o mercado ou é o Estado. Quando o mercado e o Estado estão separados, quando o consumidor não participa das decisões, quando o cidadão não participa das decisões, quando o burocrata pensa que ele, iluminado, apóia um setor da indústria e ela cresce, é o passado. Hoje é diferente. Hoje é o conjunto. E esse Estado tem, também, que entrar nesse mesmo processo de requalificação. E é o que nós estamos fazendo. Começando a fazer.

Aqui foram dados exemplos na educação, na saúde. Há setores onde há gritante necessidade disso: reforma agrária. Sem melhor gestão, sem capacidade de saber o que se faz com esse dinheiro, tem-se a ilusão de que se está dando um progresso para o povo mais pobre. Estar-se-á, talvez, perdendo uma oportunidade. Não podemos perdê-la. Temos que melhorar a gestão também, e cobrar. E, aí, quero dizer, de novo, aquilo que vai ser a característica fundamental, que vai permitir, realmente, a diferença, o salto: é a qualidade. É claro que, numa concepção moderna da direção deste país – deste país, não é da sua direção, é claro que nós sabemos que é preciso que existam políticas que sejam adequadas. Mas nada substitui a qualidade.

Tomemos o exemplo do cinema. No cinema, houve momentos em que existiram recursos, houve momentos em que houve burocracia, e ele se estiolou. Não foi pela falta dos recursos e da burocracia. É porque faltaram as outras coisas na distribuição dos recursos e na própria gestão feita pela burocracia que dele cuidava. Hoje, o filme “Central do Brasil” ganha prêmios. Não é porque há incentivos – há também – mas é porque ele é bom, ele tem qualidade. Essa qualidade é indispensável. E ela não será substituída nunca só pelo guarda-chuva do Estado. Quem espera que o guarda-chuva do Estado o abrigue das tempestades, ilude-se. Certamente, se não houver a compreensão solidária do Estado com a sociedade, tampouco sairemos das tormentas. O novo é a parceria. E nessa parceria a cobrança, mas uma cobrança que tenha a compreensão do objetivo.

Acho, portanto, que nós, hoje, estamos num novo rumo. E o exemplo desta manhã é absolutamente claro, no que diz respeito a esse novo rumo. E esse novo rumo depende da palavra mobilização.

Há poucos dias, no BNDES, me referia a um projeto nacional. E disse o seguinte: iludem-se os que pensam que um projeto de país é um discurso de um presidente, é um livro de um técnico, é um seminário de especialistas, é uma proposta escrita por um partido político. Um projeto de um país é alguma coisa que se constrói, que se vai tecendo no dia-a-dia da sociedade. É alguma coisa que ou tem o respaldo da opinião e é feito em conjunto por essa opinião que vai definindo as suas próprias metas, ou é posição. Serve muito bem para briga política, para embalar alguém que goste de ler, serve para muitas coisas, só não serve para mudar o País. O País só muda quando aceita não metas que lhe são impostas, mas desafios. E desafios que são percebidos como urgentes e cujos rumos, para superá-los, passam a ser construídos e palmilhados pela maioria da sociedade. Nem sempre por todos, seria ilusório, e nem seria democrático. É necessário um debate sobre os rumos, mas é necessário traçá-los.

Acredito que este programa e este esforço coletivo fazem parte de um projeto nacional. O Brasil reencontrou seu rumo. O Brasil tem seus objetivos, tem até metas que não foram quantificadas tecnocraticamente, mas estão sendo quantificadas por aqueles que participam do processo de transformação da sociedade e, portanto, que vão reelaborando no dia-a-dia as suas possibilidades. Já não se assusta mais com dobrar a produção agrícola, já não se assusta mais com taxas de expansão das exportações, já não se assusta mais, portanto, com os desafios e diz como e quando vai superá-los. E estamos fazendo isso na saúde, na educação, na reforma agrária, nas áreas sociais todas, nas áreas econômicas.

Vamos ser claros: nós precisamos, e rapidamente, avançar nas reformas do Estado, sem as quais não vamos conseguir dar o salto econômico necessário. E o Brasil não pode se conformar com a mediocridade de crescer 3 e 4% ao ano, porque precisamos crescer mais do que isso. Nós podemos crescer mais do que isso. Mas, para isso, é preciso que os homens públicos tenham coragem, é preciso que votem as reformas e não fiquem titubeando, com medo de fazer o que é necessário, de fazer o que é visivelmente alcançável. Estamos patinando no tempo e custando a terminar as metas de reforma da Previdência. A reforma adminis-

trativa fizemos. A reforma tributária tem que ser feita também. A reforma política terá que ser feita em algum momento. Enfim, daquilo que o País inteiro sabe que é necessário.

E a mim, como Presidente, me dá um único, digamos, momento de angústia, eu diria, é ver: Meu Deus, com tanta coisa possível neste país, por que meia dúzia, proporcionalmente, ainda insiste em diminuir a possibilidade de nós irmos com mais velocidade para um Brasil com melhor qualidade, melhor distribuição de renda, melhor condição para todos, melhor emprego?

Está na hora de nós, realmente, nos mobilizarmos ao redor de uma crença neste país, uma crença que não deriva de uma vontade política de um presidente, de um partido, de um segmento da sociedade, que seja um sindicato ou que seja um empresário, mas deriva da consciência coletiva, deriva dessa convicção, que hoje é palpável, de que nós podemos avançar. E vamos avançar.

Afastemos as nuvens de pessimismo, acreditemos em nós próprios. Tenho certeza de que basta isso, para que possamos alcançar essas metas e muitas outras mais. Nosso povo tem urgência. E têm urgência os mais pobres. Não é demagogia, é de quem conhece – e muitos aqui, senão que todos, conhecemos. Têm urgência os mais pobres, que não podem ver a postergação perene desse salto necessário para o Brasil.

Eu lhes peço: vamos estar juntos nessa vontade férrea de fazer com que este país saia da mediocridade, tenha coragem política e possa avançar, socialmente, crescendo a nossa economia.

Muito obrigado.

